



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU METODOLOGIAS
INTERDISCIPLINARES E TERCULTURAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E
MÉDIO**

MIRNA ARAÚJO DUARTE

**JOGOS INDÍGENAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA AS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

BOA VIAGEM - CE

2022

MIRNA ARAÚJO DUARTE

**JOGOS INDIGENAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA AS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para aprovação
no curso de Especialização em Metodologias
Interdisciplinares e Interculturais para o
Ensino Fundamental e Médio da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira

BOA VIAGEM - CE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Duarte, Mirna Araújo.

D87j

Jogos indígenas: uma proposta de intervenção para as aulas de educação física escolar / Mirna Araújo Duarte. - Redenção, 2022. 31f: il.

Outro - Curso de Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundam. e Médio, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira.

1. Educação física. 2. Ensino. 3. Jogos indígenas. I.
Título

CE/UF/BSP

CDD 370

MIRNA ARAÚJO DUARTE

**JOGOS INDIGENAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA AS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Relatório de Intervenção Didático-Pedagógico apresentado como requisito para aprovação no curso de Especialização Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

Aprovado em: ____/____/ 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira

Prof.^a Dra. Geranilde Costa e Silva

Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro

RESUMO

O presente trabalho de intervenção didático-pedagógico, parte integrante do curso de Especialização Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. É voltado ao ensino dos Jogos Indígenas nas aulas de Educação Física Escolar, com objetivo geral proporcionar o conhecimento dos diferentes jogos dos povos indígenas brasileiros nas aulas de Educação Física entre as crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino, do município de Iguatu-CE. E como objetivos específicos identificar as características dos jogos e das principais tribos indígenas do Brasil; analisar a reação das crianças em conhecer a historicidade e a cultura dos jogos vivenciados entre os povos indígenas e experienciar exemplos de jogos indígenas. O mesmo foi desenvolvido na turma de 5º ano da Escola de Ensino Fundamental Joaquim de Souza Pinto, localizada na zona urbana da cidade de Iguatu, na região centro-sul do estado do Ceará, com uma carga horária de 16 horas/aulas. Seguindo uma metodologia de aulas expositivas e demonstrativas, no formato de ensino remoto, decorrente ao estado de pandemia que o Brasil enfrenta, ocasionado pela covid-19. Nas aulas, foram apresentados os aspectos da historicidade dos jogos e da rica cultura dos povos indígenas brasileiros, explicando como cada um é compreendido e realizado, além da elaboração, construção e vivências de alguns jogos indígenas (arco e flecha, jogo da onça, peteca, pião, briga de galo, cabo de força e corrida do saci). Em suma os estudantes tiveram vivências prazerosas, divertidas, apresentando atenção, criatividade, boa aprendizagem e participação nas atividades desenvolvidas, contando com o auxílio da professora e da família.

Palavras-Chave: Educação Física Escolar. Ensino. Jogos Indígenas.

ABSTRACT

The present work of didactic-pedagogical intervention, an integral part of the Specialization course Interdisciplinary and Intercultural Methodologies for Elementary and High School, at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony - UNILAB. It is aimed at teaching Indigenous Games in School Physical Education classes, with the general objective of providing knowledge of the different games of Brazilian indigenous peoples in Physical Education classes among children in the 5th year of Elementary School in a public-school system, from the municipality of Iguatu-CE. And as specific objectives to identify the characteristics of the games and the main indigenous tribes in Brazil; analyze the children's reaction in getting to know the historicity and culture of games experienced among indigenous peoples and experience examples of indigenous games. It was developed in the 5th-year class at the Joaquim de Souza Pinto Elementary School, located in the urban area of the city of Iguatu, in the south-central region of the state of Ceará, with a workload of 16 hours/classes. Following a methodology of expository and demonstrative classes, in the remote teaching format, resulting from the state of pandemic that Brazil is facing, caused by covid-19. In classes, aspects of the historicity of games and the rich culture of Brazilian indigenous peoples were presented, explaining how each one is understood and performed, in addition to the elaboration, construction and experiences of some indigenous games (bow and arrow, jaguar game, shuttlecock, spinning top, cockfighting, power cable and saci race). In short, the students had pleasant, fun experiences, showing attention, creativity, good learning and participation in the activities developed, with the help of the teacher and family.

Keywords: School Physical Education. Teaching. Indigenous Games.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Apresentação Autobiográfica da Autora.....	9
1.2 Campo de Execução do Projeto de Intervenção.....	12
2 DESENVOLVIMENTO.....	15
2.1 Jogos Indígenas: elaboração e vivências.....	18
2.1.1 Arco e Flecha.....	18
2.1.2 Jogo da Onça.....	20
2.1.3 Peteca.....	22
2.1.4 Pião.....	23
2.1.5 Briga de galo.....	25
2.1.6 Cabo de força.....	26
2.1.7 Corrida do saci.....	27
3 RESULTADOS.....	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

O povo brasileiro em sua formação tem origem em diferentes povos do mundo, nos quais podemos destacar os europeus, os africanos e os indígenas nativos do Brasil, no qual constituem a grande riqueza da cultura brasileira. Desse modo, a cultura indígena apresenta-se como parte da diversidade e da riqueza de conhecimentos amplos a serem trabalhados nas escolas indígenas e não-indígenas, fundamentais à aprendizagem e formação da identidade nacional (KUNH, 2014).

Destarte, a instrução da cultura indígena nas instituições escolares, encontra-se amparada pela Lei nº 11.645/08, no qual estabelece no Art. 26 a obrigatoriedade do ensino da temática história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas, no ensino fundamental e médio. (BRASIL, 2008).

Nesse sentido, o projeto de intervenção no âmbito didático-pedagógico intitulado de *“Jogos Indígenas: uma proposta de intervenção para as aulas de Educação Física Escolar”*, vem abordar o conteúdo “jogo” na perspectiva histórica e cultural dos povos indígenas, elencando as áreas do currículo escolar: Educação Física e História.

Embora não seja de origem indígena, a escolha da temática deu-se por ser professora de Educação Física e reconhecer que o jogo carrega em seu conteúdo algo instigante, muito atrativo para os estudantes, e na perspectiva indígena, por fazer relação a outra cultura, com diferentes crenças e costumes.

Nessa perspectiva, a aprendizagem dos jogos indígenas nas aulas de Educação Física Escolar poderá possibilitar aos estudantes o contato e o conhecimento da história, cultura e hábitos dos povos originários do Brasil, contribuindo para reflexão da historicidade brasileira, empatia com outros grupos étnicos e respeito ao próximo.

A proposta de intervenção didático-pedagógica no projeto, tem como objetivo geral proporcionar o conhecimento dos diferentes jogos dos povos indígenas brasileiros nas aulas de Educação Física entre as crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino, do município de Iguatu-CE. E como objetivos específicos identificar as características dos jogos e das principais tribos indígenas do Brasil; analisar a reação das crianças em conhecer a historicidade e a cultura dos jogos vivenciados entre os povos indígenas e experienciar exemplos de jogos indígenas.

Referindo-se à questão metodológica, a percepção sobre os jogos indígenas nas aulas remotas¹ fora desenvolvida de forma expositiva e demonstrativa, conjugando as experiências com uso de sucatas, produtos simples na construção criativa de materiais lúdicos e vivenciados em alguns jogos indígenas, de modo que a professora manteve-se à disposição para os possíveis questionamentos, reflexões e dúvidas geradas pelos estudantes.

1.1 Apresentação Autobiográfica da Autora

Meu nome é Mirna Araújo Duarte, nasci no dia 27 de janeiro de 1998, na cidade de Iguatu, localizada na região centro-sul do estado do Ceará, filha de Eliene Correia de Araújo e Gildernando Cardoso Duarte. Somos três irmãs, eu e mais duas que são gêmeas bivitelinas, diferença de quatro anos de idade. Venho de uma família simples, humilde, onde meu pai trabalhava como frentista em posto de combustível e minha mãe trabalhava nos afazeres domésticos e cuidava da gente.

Na infância, quando alcancei os 02 anos de idade, comecei os estudos na creche do bairro onde resido até hoje. Esta localizava-se em um prédio, na Praça José Cardoso Araújo que funcionava como um anexo da Escola Joaquim de Souza Pinto. Este período foi bastante significativo, foi um momento de primeiro contato com um ambiente formal de aprendizagem, com várias crianças, com atividades, brincadeiras e novas experiências e descobertas.

A educação infantil é importante, pois cria condições para que as crianças possam conhecer e descobrir novos valores, costumes e sentimentos, através das interações sociais, e nos processos de socialização, o desenvolvimento da identidade e da autonomia (TEIXEIRA; VOLPINI, 2014, p. 80).

Durante a infância, fui uma criança bem travessa que gostava de brincar e interagir com as outras crianças. Vivenciei uma infância repleta de jogos e brincadeiras e muita diversão, adorava correr, pular, subir em árvores e brincar com a criançada da rua onde moro. Esconde-esconde, pega-pega, bola ao campo, carimba, brincar de boneca, casinha e carrinho, etc. era o que eu mais fazia nesse período.

¹ O ensino remoto foi remodelado, adotado pela maioria das instituições e a educação ampliada com o uso de tecnologias, cuja a adaptação de todos: escola, professores, alunos e família fora necessária a nova configuração de ensino em meio ao estado de pandemia da COVID-19 (COSTA; NASCIMENTO, 2020).

Quando fui cursar a alfabetização, passei a estudar no prédio sede da escola Joaquim de Souza Pinto, no qual cursei até o 7º ano. A fase da alfabetização, foi um período em que dei um grande salto na minha aprendizagem, comecei a ler palavras e mais adiante, pequenos textos, além de desenvolver melhor a escrita. Neste espaço, pude dar os primeiros passos para a construção do meu conhecimento.

Entende-se alfabetização como sendo um caminho para o letramento, alfabetizado é aquele indivíduo que conhece o código escrito, que sabe ler e escrever, dessa forma foi necessário ampliar esses conhecimentos, os indivíduos precisavam compreender o sentido dos textos (ALMEIDA; FARAGO, 2014, p. 207).

Ao longo das demais séries continuei progredindo, fiz novos amigos, tive excelentes professores, não perdi nenhum ano, era uma boa aluna, fazia todas as atividades/trabalhos, ajudava aos colegas a compreender os conteúdos, gostava muito da escola onde estudava. Porém, ao encerrar o 7º ano tive que mudar de escola, não por decisão minha e dos meus pais, mas porque as turmas que funcionavam em anexo, passariam a ser na sede da escola e não teriam salas suficientes para funcionar com as outras séries.

Dessa forma, passei a estudar na Escola Andrade Monteiro, localizada próximo ao centro da cidade de Iguatu-CE, e mais distante da minha casa. Nesta escola, cursei o 8º e 9º ano, conheci novos colegas e professores e pude me adaptar a um novo e diferente ambiente aprendizagem. Todavia, obtive bons resultados nesta escola e consegui concluir a etapa do Ensino Fundamental II e, ao contrário do que imaginava, estes anos foram tão bons quanto os que tive na escola anterior.

O próximo passo foi ingressar no ensino médio e nesta etapa, realizei meus estudos na Escola de Educação Profissional Amélia Figueiredo de Lavor, também localizada na cidade de Iguatu-CE. Nesta instituição, além de cursar o ensino voltado para a base comum deste ciclo em que fui estudante do Curso Técnico Profissionalizante em Administração, realizado de modo integral juntamente com a base comum.

[...] a articulação entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio deve ocorrer de forma integrada, na mesma instituição de ensino e o estudante conta com uma matrícula única e uma organização do currículo que assegure uma formação ampla, integral [...] (VIAMONTE, 2011, p. 47).

O início desta época foi bem difícil por estar num novo lugar, novos colegas, professores com métodos de ensino diferentes de todos os que já havia tido, o ensino era em tempo integral, não estava acostumada a passar o dia inteiro na escola, isto estava mudando a minha rotina e nos primeiros dias, meses cheguei a pensar em desistir. No entanto, mesmo como toda a dificuldade inicial, aos poucos fui me adaptando e me acostumando com o local e toda a situação na qual me encontrava.

Os três anos que passei nessa escola me trouxeram grandes aprendizados, valores e independência nos estudos, além da experiência inicial de contato com o mercado de trabalho, obtida na realização do estágio supervisionado do curso de Administração. Mas o resultado maior foi a possibilidade de ingresso no Ensino Superior, logo após que concluir os estudos no Ensino Médio, no ano de 2015.

Assim, ingressei no Ensino Superior em 2016 como estudante do Curso de Licenciatura em Educação Física, na Universidade Regional do Cariri – Unidade Descentralizada de Iguatu-CE, localizada no Campus Multi-institucional Humberto Teixeira. E mais uma vez estava deparando-se com novos horizontes de aprendizagem.

Os anos de graduação foram ricos de conhecimento, experiências, desafios e superações, com oportunidade de ter bons colegas, e mais, excelentes professores, mestres e doutores que contribuíram significativamente na minha formação humana e profissional. Todas as aulas e disciplinas do currículo trouxeram algo novo e diferente, exigindo mais seriedade e compromisso.

As oportunidades de vivenciar os estágios curriculares supervisionados: na Educação Infantil, Fundamental I e II, Ensino Médio e Educação Especial foram desafiadoras e essenciais com vários momentos de troca de conhecimentos numa convivência com diferentes públicos, instituições de ensino e, principalmente, com a chance de experimentar, na prática, a profissão para qual me preparava. Foram oportunidades únicas e gratificantes.

O estágio supervisionado é um espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional. Assim, ele é compreendido como campo de conhecimento e a ele deve ser atribuído um estatuto epistemológico indissociável da prática, concebendo-o como práxis, o que o define como uma atitude investigativa que envolve a reflexão e a intervenção em questões educacionais (SILVA; GASPARI, 2018, p. 206).

Ainda na graduação, tive o prazer e o ensejo de atuar como bolsista, em 2018, no desenvolvimento de um projeto de intervenção de autoria da professora Ma.

Rosângela Dias Pinheiro, intitulado *“Educação Física no Ensino Infantil: uma proposta de intervenção para crianças de 03 a 05 anos”*. No projeto realizado em quatro Centros de Educação Infantil da cidade de Iguatu- CE, as crianças vivenciaram jogos e brincadeiras, brinquedo cantado, construção de brinquedos, atividades corporais de luta e dança.

No final de 2019 conclui o curso de graduação e, no início de 2020, fui diplomada com o título de Bacharela e Licenciada em Educação Física. Nesse mesmo ano, entrei e estou como discente na especialização em “Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio”, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Atualmente, tenho passado por diferentes experiências, a exemplo do ensino a distância como primeiro contato no início do curso, o que estranhei! Mas, aos poucos, venho me adaptando e superando os desafios, em especial, pela oportunidade do curso de especialização apresentar uma temática e conteúdos significativos para a docência e para minha formação pessoal e profissional.

O ponto a seguir, trará informações pertinentes sobre a escola na qual o projeto de intervenção foi desenvolvido e serão apresentados: localização da escola, segmento de ensino ofertado, número de turmas e estudantes, perfil da escola e dos discentes, quadro de funcionários e aspectos estruturais, bem como, os fatores que levaram a escolha da instituição de ensino e da turma.

1.2 Campo de Execução do Projeto de Intervenção

A instituição em que o projeto de intervenção didático-pedagógico foi realizado, intitula-se **Escola de Ensino Fundamental Joaquim de Souza Pinto**², localizada na Avenida Prefeito Ary Brasil, s/n, no bairro Vila Cajazeiras, zona urbana do município de Iguatu-CE (Figura 1). A escola oferece a Educação Infantil (creche e pré-escola) e Fundamental I e II (1º ao 9º ano), no período matutino e vespertino.

² Joaquim de Souza Pinto foi um morador da comunidade de Vila Cajazeiras, na cidade de Iguatu-CE. O mesmo cedeu para o município um de seus terrenos com a finalidade de construir uma escola na referida comunidade. Destarte, em sua homenagem a escola recebeu seu nome, chamando-se: Escola de Ensino Fundamental Joaquim de Souza Pinto. A mesma foi fundada em 1987, e deste então, passou por várias reformas até chegar aos dias atuais.

Figura 1 – Fachada da escola



Fonte: Autora, 2021.

Há 34 anos, a escola oferece uma educação de qualidade e de muito respeito à diversidade, em vários aspectos ligados à todas as religiões, relações de raça e gênero, partidos políticos, etc., e tem como objetivo principal instrumentalizar o estudante com o conhecimento científico para que seja capaz de agir com autonomia e como sujeito social, consciente do seu papel na construção de uma sociedade mais humana e ética.

Nessa perspectiva, a escola obteve o título de 2º lugar no SPAECE - Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará, em 2018, destacando-se como referência educacional municipal na cidade de Iguatu-CE.

Com um total de 250 estudantes regularmente matriculados, distribuídos em 09 turmas, a comunidade escolar apresenta um perfil socioeconômico de classe média, onde quase todos os estudantes residem em casa própria e apresentam condições financeiras razoáveis.

Atualmente, a escola apresenta um quadro de funcionários bem distribuídos por: 01 (uma) diretora, 02 (dois) coordenadores, 01 (uma) secretária, 01 (uma) agente administrativa, 01 (um) porteiro, 04 (quatro) vigias, 07 (sete) auxiliares de serviços gerais, 07 (sete) professores (as) efetivos (as) e 09 (nove) professores (as) contratados (as).

Como estrutura física (Figura 2 e 3) a instituição conta com 04 (quatro) salas de aula, 01 (uma) sala de informática, 01 (uma) sala de multimeios, 01 (uma) sala de AEE – Atendimento Educacional Especializado, 01 (uma) secretária/diretoria, 01 (uma) cantina, 02 (dois) banheiros convencionais masculino/feminino, 01 (um) banheiro para deficientes e 01 (um) pátio pequeno.

Figura 2 – Entrada e pátio da Escola

Fonte: Autora, 2021.

Figura 3 – Parte interna da Escola

Fonte: Autora, 2021.

No entanto, a escolha desta instituição escolar para a realização da intervenção didático-pedagógica, deu-se pela boa experiência e aprendizado que tive enquanto discente nos anos que estudei nela e também por fazer parte da comunidade onde resido desde que nasci, além do interesse em atender as crianças do meu lugar. Já a escolha da turma de 5º ano, adveio por contemplar a faixa etária de crianças de 10 e 11 anos, com bom desenvolvimento e capacidade de compreensão no desempenho escolar.

2 DESENVOLVIMENTO

O projeto didático-pedagógico intitulado *“Jogos Indígenas: uma proposta de intervenção para as aulas de Educação Física Escolar”*, é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação Lato Sensu “Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio”, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

A proposta de intervenção em questão, contou com uma carga horária de 16 horas/aulas, desenvolvida com a turma do 5º ano (Ensino Fundamental I), com cerca de 19 estudantes, da Escola Joaquim de Souza Pinto, às quintas-feiras, no período matutino.

O planejamento e a elaboração dos assuntos da intervenção deram-se por meio de várias pesquisas realizadas na internet, leitura de artigos, blogs, sites, bem como vídeos na plataforma do youtube. A partir dessas pesquisas e leituras, pude selecionar várias temáticas dentro da proposta do projeto para trabalhar com os estudantes.

As aulas seguiram o formato de ensino remoto (com aulas gravadas e disponibilizadas aos estudantes através de links), em decorrência ao estado de pandemia vivenciado na atualidade, referente a Covid-19, bem como a indisponibilidade integral de acesso dos estudantes no uso dos equipamentos eletrônicos conectados à internet. Os encontros semanais contaram com uma metodologia de aulas expositivas e demonstrativas, de maneira, que os estudantes pudessem ter acesso aos conteúdos, tivessem espaço para apresentarem questionamentos sobre a temática abordada e vivenciassem a construção e o desenvolvimento de jogos indígenas.

Nas aulas foram abordados assuntos como o significado de etnia, principais grupos étnicos e tribos indígenas do Brasil; características dos índios brasileiros e cearenses em especial os Quixelôs e Cariris; conceito de jogo, jogo indígena; origem; jogos/brincadeiras indígenas mais populares (peteca, cabo de força, queimada, arco e flecha, corrida do saci, bolinha de gude e briga de galo) ; jogos indígenas no aspecto esportivo, edições nacionais, como foram idealizadas, modalidades (arco e flecha, canoagem, corrida de 100m, lutas corporais, corrida com tora, cabo de força, arremesso de lança, zarabatana, futebol, futebol de cabeça, natação e rônkrâ), onde ocorrem, quem são os campeões, momentos dos jogos; além de construção de

instrumentos e vivências de jogos indígenas (arco e flecha, jogo da onça, peteca e pião).

Ademais, as aulas voltadas para a confecção e desenvolvimento de alguns jogos indígenas, contaram com um vídeo explicativo, no qual foi exposto o conteúdo, incluindo o passo-a-passo para que os estudantes pudessem construir e realizar o jogo, seja com o pai, a mãe, irmão(ã), ou outro(a) familiar. Nestas os estudantes puderam elaborar fotografias, vídeos que demonstraram o seu momento de vivência com os jogos indígenas compartilhando-os com os colegas e com a professora.

Desse modo, faz-se necessário acentuar a importância de termos projetos dessa natureza no ambiente escolar, de modo que seja dado ênfase nos jogos/brincadeiras indígenas como enfoque central, disseminando, fortalecendo e valorizando as práticas corporais oriundas da cultura indígena dentro de uma perspectiva de educação interdisciplinar e intercultural nas aulas de Educação Física Escolar.

O estudo de Grando, Xavante e Campos (2010) chama a atenção para o conteúdo jogo vivenciado coletivamente na escola, contribuindo para que a criança possa desenvolver novas formas e possibilidades de entender e perceber a sua realidade sociocultural, ou seja, seu grupo social, a comunidade onde vive, outros povos e outras viabilidades de viver coletivamente.

No caso da experiência em pesquisa, a proposta aos estudantes gerou uma mobilização em casa, de modo que os familiares (mães, pais, irmão, irmã, amigos próximos) foram envolvidos no processo de vivência e experiência dos estudantes com jogos da cultura indígena, auxiliando-os e colaborando conjuntamente com eles.

Se por um lado a pandemia da Covid-19 afastou os estudantes das salas de aula presenciais; por outro, aproximou os pais no acompanhamento das atividades escolares dos filhos, a exemplo o jogo da onça e o cabo de força em que foi possível perceber no(s) vídeo(s) encaminhados a colaboração/participação dos pais incentivando o desenvolvimento e aprendizado dos seus (Figura 4).

Figura 4 – Jogo da onça sendo vivenciado pelo estudante e seu pai



Fonte: Elaborada pelo aluno, 2021.

A imagem acima (Figura 4) tem-se um exemplo de aproximação da família na atividade de intervenção promovida em um dos encontros, que virtualmente, foi orientado, auxiliado e incentivado o processo educativo. Trabalho conjunto com os professores e a equipe escolar no desenvolvimento de um ensino-aprendizagem significativo para a formação educacional e social do(a) discente.

Entretanto, por não ser de conhecimento dos estudantes da pesquisa, os jogos puderam despertar a curiosidade acerca de outras práticas existentes não-habituais, como Kuhn (2014) nos mostra que:

Os jogos indígenas são importantes para dar visibilidade a cultura indígena para os jovens não indígenas e a escola é o melhor ambiente para esses conteúdos serem tratados, discutidos analisados e vivenciados pelos nossos estudantes ampliando o universo de conhecimento já que é acervo riquíssimo. Por isso, as aulas de Educação Física podem apresentar excelentes oportunidades de relacionamento de ideias e valores do ser humano, para que o outro seja reconhecido a partir das suas diferenças (KUHNS, 2014, p. 5).

Assim, com base numa proposta interdisciplinar e intercultural (referenciais teórico-metodológico do curso de especialização em questão), o conteúdo “jogos indígenas” (campo da Educação Física) foi trabalhado numa perspectiva histórica (campo da História), retratando aspectos sociais e culturais sobre os jogos nas diferentes etnias indígenas, permitindo aos estudantes o contato, o conhecimento acerca de uma outra cultura.

Ressaltando-se que, segundo as Diretrizes Nacionais para o Funcionamento das Escolas Indígenas (Parecer CNE/CEB nº14/1999, aprovado em 14 de setembro de 1999) os índios:

Ao longo de sua história, vêm elaborando complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural (BRASIL, 1999, p.03).

Desta forma, a cultura indígena detém uma variedade de conteúdos (jogos, danças, lutas, religião, arte, etc.) que podem e devem ser utilizados na educação comum, atendendo a necessidade de pluralização dos conhecimentos, bem como a Lei nº 11.645 de 10 março de 2008, que institui o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nas escolas regulares no ensino fundamental e médio.

Com base nas pesquisas, estudo e planejamento, foram abordados durante as aulas os aspectos históricos e culturais das diferentes etnias que constituem os povos indígenas, focando-se especialmente nos jogos originários e desenvolvidos pelas e entre as tribos: suas origens, formas de manifestação, seus implementos e vivências. De maneira que os alunos conhecessem e reconhecessem as práticas pertencentes a cultura indígena, vivenciassem a construção de implementos (arco e flecha, peteca, pião, etc.) e experimentassem a prática de cada jogo proposto.

2.1 Jogos Indígenas: elaboração e vivências

Os subitens presentes neste tópico trazem uma descrição sobre cada jogo/brincadeira (arco e flecha, jogo da onça, peteca, pião, briga de galo, cabo de força e corrida do saci) trabalhada nas intervenções, especificando como fora abordado e desenvolvido pelos estudantes.

2.1.1 Arco e Flecha

O arco e flecha é um instrumento muito utilizado pelos indígenas tanto na caça de animais para sua alimentação como meio de proteção contra algum animal feroz. Compreende uma modalidade presente nos jogos indígenas, sendo fabricado pelos próprios índios a partir de materiais encontrados na natureza e tem como objetivo acertar o alvo.

Conforme Reis (2020, p. 56) os povos indígenas realizam uso e manejo da natureza, assim, a elaboração e o desenvolvimento dos seus jogos, brinquedos e brincadeiras com elementos naturais é mais uma forma de intensificar o modo como esses povos habitam o meio natural, fundando a ideia de “viver bem”.

Nessa perspectiva foi proposto a confecção do arco e flecha por meio de alguns materiais: 5 palitos de churrasco; 2 palitos de churrasco com 7cm cada; 30 cm de fio de náilon; fita adesiva ou durex; 1 tampa de garrafa pet; 1 tesoura e cola quente, como o listado no vídeo encaminhado. Seguindo com a vivência do jogo.

Dentre os arcos e flechas elaborados pode-se observar a presença daquele confeccionado com os materiais já citados (ver figura 5). Bem como o mesmo instrumento construído com outros materiais, nos quais foram adotados da criatividade do estudante (ver figura 6).

Figura 5 – Arco e Flecha feito à base de palito de churrasco



Fonte: Elaborada pelo aluno, 2021.

Figura 6 – Arco e Flecha à base de madeira



Fonte: Elaborada pelo aluno, 2021.

Em análise as figuras 5 e 6 e aos vídeos encaminhados, denota-se que os estudantes capricharam na construção do jogo arco e flecha, mostraram zelo, assim

como vivenciaram a prática com entusiasmo, desenvolvendo habilidade de atenção, apresentando a sua pontaria e a potência do seu equipamento.

Contudo, apesar dos bons resultados, a presença dos estudantes em geral não ocorreu como se pretendia nesta atividade, foi consistida de pouca participação o que leva a deduzir que o presente acontecimento pode ter decorrido do formato de aulas remotas por consequência da pandemia da Covid-19. Além disso, não se pode desconsiderar que, em muitos casos, a secundarização da Educação Física como componente curricular sofre efeitos dos pais que acabam atribuindo mais importância aos conteúdos das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, por exemplo.

2.1.2 Jogo da Onça

O “Jogo da Onça” é um jogo de tabuleiro de origem indígena, no qual o tabuleiro é feito no chão e são utilizadas pedras como peças, 14 iguais para serem os cachorros e 1 diferente para ser a onça. É um jogo de estratégia, cuja o objetivo da onça é comer cinco cachorros e o dos cachorros é encurralar a onça para que ela fique sem saída. O mesmo acontece como num jogo de damas, todavia, somente a onça pode comer as peças, enquanto os cachorros devem impedi-la.

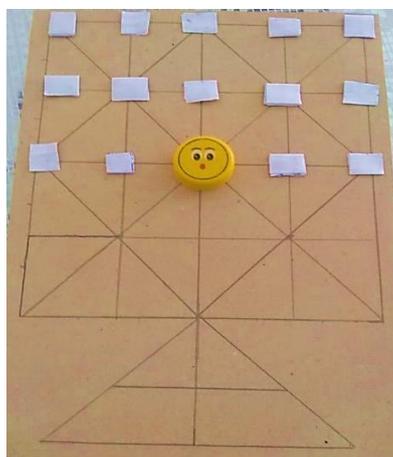
Diante disso, foi solicitado que os estudantes construíssem o tabuleiro com as peças e realizassem o jogo. Dentre os materiais sugeridos estavam: pedaço de papelão (tamanho de uma folha de caderno); régua; caneta; 14 peças iguais 1 diferente (essas peças poderiam ser tampas de garrafas, sementes, feijão, milho, pedras, etc.).

Logo, a proposta de confeccionar o jogo de tabuleiro utilizando materiais recicláveis e de fácil acesso em casa, trouxe lindos trabalhos. Na Figura 7, o estudante utilizou papelão e folha branca para fazer o tabuleiro e tampinhas de garrafa pet (14 brancas e 1 vermelha) para serem as peças do jogo (cachorros e onças respectivamente).

Figura 7 – Jogo da onça

Fonte: Elaborada pelo aluno, 2021.

O mesmo jogo pode ser visto na Figura 8, sob a elaboração de um outro discente, no qual fez o tabuleiro com um pedaço retangular de papelão e as peças com dobras de papel branco (14 unidades simbolizando os cachorros) e tampa de garrafa pet na cor amarela (1 unidade representando a onça).

Figura 8 – Jogo da onça

Fonte: Elaborada pelo aluno, 2021.

Consoante Vinha (2010), os jogos de tabuleiro são atividades lúdicas que possibilitam a formulação de estratégias, o desenvolvimento de relações sociais, sendo um meio significativo de integrar todas as idades, tanto em ações educativas como de lazer, além de fortalecer as identidades étnicas.

A partir das observações feitas destacou-se que a vivencia do jogo da onça foi divertida, os discentes realizaram sua prática com familiares (pai, mãe e irmão), amigos, pessoas próximas; desenvolvendo habilidades de atenção e situações

estratégicas para as suas jogadas. Dessa maneira, o referido jogo foi uma boa proposta para ter conhecimento acerca da realidade dos jogos presentes na cultura indígena, se divertir e socializar com a família e amigos.

2.1.3 Peteca

A “Peteca” é um jogo que surgiu da prática recreativa dos povos indígenas no qual utilizavam um instrumento também chamado peteca para o realizá-lo, sendo este confeccionado de maneira artesanal com penas de aves, palha de milho e pequenas pedras. Já quanto a sua prática, este pode ser popularmente desenvolvido em dupla e em equipe, cuja objetivo é bater a peteca para o alto com a palma da mão, sem deixá-la cair.

Diante disso, foi proposto para que os estudantes confeccionassem a peteca de sacola, utilizando materiais de fácil acesso como: 1 sacola; folhas de jornais, revistas ou de papel mesmo; 1 tesoura e para deixá-la mais bonita o aluno poderia incrementá-la adicionando outros materiais de sua preferência e realizassem sua prática.

Na sequência, foi colocado que os estudantes construíssem a peteca como parte da experiência de como os indígenas constroem seus próprios jogos/brinquedos e vivenciam a sua prática com belas petecas.

Tiveram estudantes que a construíram com papel, meia e sacola de cores diferentes (ver a figura 9) e alguns que fizeram a partir de meias e penas de aves (ver a figura 10).

Figura 9 – Peteca de sacola



Fonte: Elaborada pelo aluno, 2021.

Figura 10 – Peteca de meia com penas de ave



Fonte: Elaborada pelo aluno, 2021.

Segundo Kishimoto (2009) para que o jogo apresente caráter de aprendizagem a participação não deve ser vista como uma obrigação e o sujeito deve estabelecer se quer brincar ou não. Assim, o jogo pode expressar prazer, acertos, erros, bem como ações capazes de levar o sujeito a se superar.

Ademais, na vivência prática da peteca tiveram estudantes que desenvolveram com a participação do irmão e outros embora sozinhos, mas com animação e batendo a peteca para cima várias vezes deixando a peteca no alto. Dessa forma, a prática contou com uma boa participação dos estudantes e resultou lindas petecas.

2.1.4 Pião

O “Pião” usado pelos indígenas é feito artesanalmente, geralmente, utilizando uma pequena cabaça. Depois de pronto, é só puxar a corda sem deixar que ele entorte para os lados, pois este deve girar em pé na superfície lançada.

Assim, foi colocado aos discentes que produzissem um pião com materiais adaptados, com aparência diferente do pião indígena, mas com a mesma utilidade e objetivo de jogo com materiais simples, como: 1 palito de churrasco e 1 ou 2 tampinhas de garrafa pet, foram sugeridos.

Dessa maneira, pode-se observar que os estudantes fizeram o pião utilizando apenas dois materiais. Alguns usaram palito de churrasco e tampinha de garrafa pet, assemelhando-se com o que fora sugerido (Figura 11). Outro, utilizou um material diferente, confeccionando o seu pião com 1 lápis preto pequeno e 1 tampinha de

garrafa pet branca (Figura 12), tendo em vista que o discente não tinha palito de churrasco e usou da sua criatividade.

Figura 11 – Pião de palito com tampinha



Fonte: Elaborada pelo aluno, 2021.

Figura 12 – Pião de lápis com tampinha



Fonte: Elaborada pelo aluno, 2021.

Durante a vivência desse jogo foi possível visualizar que os estudantes demonstraram entusiasmo, alegria e habilidade para colocar o pião para girar. Desse modo, a atividade tornou-se uma prática criativa, divertida e de conhecimento acerca do pião indígena.

Assim, conforme o exposto por Tenório; Silva (2014) é importante ressaltar que os jogos e brincadeiras indígenas nas aulas de Educação Física Escolar colaboram para que os discentes não indígenas tenham contato e conhecimento acerca desta cultura, de modo a compreender os povos indígenas a partir das suas

particularidades, estabelecendo uma relação cultural dentre estes e os outros grupos sociais.

2.1.5 Briga de galo

A “Briga de galo” é um jogo/brincadeira indígena no qual consiste em desequilibrar o oponente, colocando-o para fora do círculo. Para isso, é necessário três participantes: dois serão os galos e estes devem posicionar-se sobre um pé só, um de frente para o outro, dentro de um círculo demarcado no chão e segurar no ombro do adversário; o terceiro será uma espécie de juiz e ficará atento para verificar o jogador que sair primeiro para fora da região marcada.

Nesse sentido, a briga de galo foi um dos jogos/brincadeiras indígenas propostos para a vivência e escolhido por uma aluna do 5º ano para desenvolver sua prática. Neste, a estudante usou vários lápis para formar o círculo no chão e juntamente com uma amiga e a ajuda da mãe para filmagem realizou o jogo/brincadeira indígena (Figura 13).

Figura 13 – Briga de galo



Fonte: Elaborada pelo aluno, 2021.

Na prática, foi possível perceber a alegria e a aceitação da estudante e de sua amiga pela atividade produzida em casa, assim como a equiparação na disputa em que as duas crianças se mantiveram firmes por um bom tempo, até que a estudante conseguiu desequilibrar a sua adversária e ficou mais tempo em equilíbrio. Contudo, apesar do ar de competição existente na atividade, esta foi realizada pela vivência prazerosa e divertida.

2.1.6 Cabo de força

O “Cabo de força” também conhecido como cabo de guerra é uma brincadeira indígena que se tornou uma modalidade nos Jogos dos Povos Indígenas, além de ser aceita pelos índios é muito conhecida por crianças, jovens e adultos de outras etnias.

A atividade pode ser realizada em dupla ou em equipe com a utilização de uma corda. Cada adversário/equipe deve segurar a corda e posiciona-se em lados opostos (separados por uma linha demarcatória no chão). Dado o sinal, cada participante deve puxar a corda com força em sua direção, até que o seu concorrente ultrapasse a linha e chegue ao seu lado. Feito isso, o participante atinge o objetivo.

Dessa maneira, algumas crianças realizaram a prática com a participação da mãe e irmão (Figura 14), utilizando um cordão grande e chinelos para demarcar os lados.

Figura 14 – Cabo de força



Fonte: Elaborada pelo aluno, 2021.

Durante a prática, observou-se que alguns explicaram como se dava a realização do cabo de força, antes de desenvolver tal prática. Para tanto, percebeu-se que os estudantes compreenderam como a atividade é realizada e puderam vivenciar com seus familiares, em um momento divertido de aprendizado e manifestação corporal.

Dessa forma, cabe destacar que as brincadeiras nas comunidades indígenas transpassam aprendizados úteis para toda a vida, são práticas corporais ricas em sentidos e significados que levam as crianças indígenas a desenvolverem diferentes habilidades que serão fundamentais ao longo da vida tanto na comunidade como na vida adulta (TENÓRIO; SILVA, 2014). Nesse sentido, proporcionar estas práticas

entre as crianças não-indígenas podem fortalecer e aprimorar as suas vivências motoras, afetivas, cognitivas e sociais, além da contribuição do brincar na perspectiva de uma educação intercultural.

2.1.7 Corrida do saci

A “Corrida do saci” é um jogo/brincadeira indígena de resistência e velocidade. Para que esta aconteça deverão ser marcadas duas linhas (uma de largada e outra de chegada), onde os participantes devem se posicionar na horizontal ao longo da linha de largada. Dado o sinal de partida, devem percorrer o percurso pulando em um pé só, igual o personagem do folclore o “Saci Pererê”. Dessa forma, quem chegar primeiro na marca de chegada vence.

Nessa linha, a corrida do saci foi um jogo/brincadeira escolhido por um aluno do 5º ano para desenvolver a sua prática. O mesmo o realizou com a participação da irmã no quintal de sua casa (Figura 15).

Figura 15 – Corrida do Saci



Fonte: Elaborada pelo aluno, 2021.

Na realização da prática visualizou-se que tanto o aluno como a irmã estavam empolgados com a atividade e que estes percorreram todo o percurso, mas que a criança da turma foi mais rápida do que a sua irmã, pois este apresentou maior distância nos pulos e mais velocidade. Apesar da competição intrínseca na atividade, esta foi uma prática corporal de movimento, lúdica, empolgante e bastante ativa.

Cabe enfatizar que a competição não é a essência nas práticas corporais indígenas, mas sim os aspectos lúdicos, as interações sociais entre as pessoas

(SILVA, 2014) as vivências como um todo são o que constituem valores importantes para esses povos. Assim sendo relevante abordar a competição em tal perspectiva de forma didática nas aulas de Educação Física Escolar.

3 RESULTADOS

Para fins deste trabalho, neste tópico o olhar foi voltado para as respostas acerca da elaboração e prática de jogos indígenas, realizado pelos alunos do 5º ano, durante as intervenções do referido projeto. Desse modo, os resultados foram obtidos a partir de uma análise do conteúdo contido nas imagens e vídeos produzidos pelos estudantes.

Consoante Alves (2001, p.55) as visões contidas nas imagens para o autor (a) pode ser diferente daquelas observadas por outras pessoas, como para quem vai ler este trabalho por exemplo. Isso porque toda a análise estará dentro da rede de conhecimento da autora, todavia deverá contar com a viabilidade de “estabelecer relações, formar redes, com os significados que aquele/aquela que for ler”, este texto, apresentem.

Nessa perspectiva, as imagens e os vídeos observados puderam demonstrar que os estudantes tiveram conhecimento e contato com vários jogos/brincadeiras indígenas (arco e flecha, jogo da onça, peteca, pião, briga de galo, cabo de força e corrida do saci), desde o momento introdutório/contextualizado, confecção/construção/adaptação do jogo até o desenvolvimento de sua prática propriamente dita.

E as intervenções apesar de não ter contado com um grande número de estudantes, por ter sido realizadas no formato de ensino remoto, estas ainda apresentaram uma participação significativa de alunos para a situação vivenciada, assim como a parceria da família. Conforme Oliveira; Peres; Azevedo (2021, p.75), a família tem papel importante na formação dos alunos e o ensino remoto, deixou cada vez mais evidente “a necessidade de participação da família na promoção das atividades junto com seus filhos”.

Nas intervenções realizadas, foram notórios momentos de manifestação corporal, ricos, prazerosos, divertidos, dotados de ludicidade, visto que os alunos tiveram aproximação com jogos/brincadeiras da cultura indígena, usaram a criatividade para elaborar os instrumentos utilizados nos jogos a exemplo: o arco feito

de uma madeira fina retirada da mata e o pião produzido com uma tampa de garrafa pet e um lápis pequeno e mais, o apoio/incentivo da família auxiliando-os nas atividades.

Dessa forma, foi com o empenho e dedicação daqueles que participaram que resultaram lindos jogos e grandes vivências, tanto para os alunos que fizeram parte, como para a autora/professora do projeto, uma vez que esta fora uma nova prática a agregar a sua formação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o projeto *“Jogos Indígenas: uma proposta de intervenção para as aulas de Educação Física”*, elaborado para o 5º ano de uma escola localizada na zona urbana da cidade de Iguatu-CE, pôde possibilitar aprendizagens acerca dos jogos indígenas e aprofundar conhecimentos da história e cultura desses povos, proporcionando maior visibilidade dos grupos étnicos brasileiros.

Diante disso, ressalta-se que na realidade vivenciada por conta da Covid-19, as instituições escolares municipais não estavam apresentando funcionamento no modo presencial, assim, as aulas ocorreram no formato de ensino remoto. Em decorrência, problemas de acesso a internet foram apresentados, assim como, a proximidade com os alunos não ocorreu da forma como se pretendia.

Embora a comunicação tenha sido de maneira virtual, as intervenções foram satisfatórias. Foi gratificante ver o empenho dos estudantes que, em meio as dificuldades, fotografaram, filmaram, mostraram criatividade e atenção aos passos orientados nas aulas, bem como com o fomento e auxílio dos pais/familiares desenvolveram e participaram das atividades com sucesso.

Desse modo, cabe destacar que a proposta de intervenção realizada também trouxe aprendizados significativos a docente idealizadora e regente, pois permitiu que esta tivesse um contato aprofundado com a temática “Jogos Indígenas”, bem como a primeira experiência de trabalhar com o ensino remoto, além da criatividade para proporcionar aos estudantes a vivência desde a confecção/preparo dos jogos/brincadeiras indígenas até o desenvolvimento da sua prática propriamente dita.

Para tanto, o projeto trouxe um tema pertinente no qual foi possível abordá-lo dentro da perspectiva intercultural (Jogos Indígenas) e interdisciplinar (Educação Física e História), fazendo relação com a proposta trabalhada no curso de

Especialização “Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio” ofertado pela UNILAB.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vanessa Vulcaneti de; FARAGO, Alessandra Côrrea. A importância do letramento nas séries iniciais. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**. Bebedouro- SP, p. 204-218, 2014.

ALVES, Nilda. Imagens das Escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares. **Educar**. Curitiba, n.17, p. 53-62, 2001.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, 2008.

_____. Diretrizes Nacionais para o Funcionamento das Escolas Indígenas - **Parecer CNE/CEB nº14/1999, de 14 de setembro de 1999**. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação, Brasília, 1999.

COSTA, Antonia Erica Rodrigues; NASCIMENTO, Antonio Wesley Rodrigues do. **Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil**. In anais: VII Congresso Nacional de Educação. Maceió-AL, 2020.

GRANDO, Beleni Saléte; XAVANTE, Severiá Idioriê; CAMPOS, Neide da Silva. Jogos/Brincadeiras Indígenas: a memória lúdica de adultos e idosos de dezoito grupos étnicos. In: GRANDO, Beleni Saléte (org.). **Jogos e Culturas Indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. EDUFMT. Cuiabá, p. 89-122, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Cortez, São Paulo, 2009.

KUNH, Elaine Teresinha. **Os Jogos e Brincadeiras Indígenas nas Aulas de Educação Física**. Cadernos PDE. V. 1. Produção Didática Pedagógica. Secretaria de Estado de Educação. Paraná, 2014.

OLIVEIRA, Cláudia Patrícia de; PERES, Jussânia Oliveira; AZEVEDO, Gilson Xavier de. Parceria entre escola e família no desenvolvimento do aluno durante a pandemia de COVID-19. **Revista de Estudos em Educação**. Goiás, v. 7, n. 1, p.70-86, 2021.

REIS, Patrícia Rossi dos. **Interculturalidade e Sustentabilidade: jogos e brincadeiras indígenas na Educação Física Escolar**. 2020. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Ambientais. Manaus, 2020. 113 f.

SILVA, Barbara Karoline Antunes da. **Jogos tradicionais no curso de formação de nível médio de professores guarani Kaiowá: turma de 2010**. 2014. Artigo

apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, junto à Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, 2014. 14 f.

SILVA, Haíla Ivanilda; GASPAR, Mônica. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 99, n. 251, p. 205-221, 2018.

TEIXEIRA, Héliça Carla; VOLPINI, Maria Neli. A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**. Bebedouro- SP, p. 76-88, 2014.

TENÓRIO, Jederson Garbin; SILVA, Cinthia Lopes. As práticas corporais indígenas como conteúdo da Educação Física Escolar. **Revista Teoria e Prática da Educação**. v.17, n. 1, p. 81-91, 2014.

_____. Experiência pedagógica com jogos indígenas em aulas de educação física de uma escola pública do estado de Mato Grosso. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.** v. 16, n. 2, p. 279-286, Juiz de Fora, 2014.

VIAMONTE, Perola Fatima Valente Simpson. Ensino profissionalizante e ensino médio: novas análises a partir da LDB 9394/96. **Educação em perspectiva**. Viçosa, v. 2, n. 1, p. 28-57, 2011.

VINHA, Marina. Jogos de tabuleiro como prática educativa intercultural. *In*: GRANDO, Beleni Saléte (org.). **Jogos e Culturas Indígenas**: possibilidades para a educação intercultural na escola. EDUFMT. Cuiabá, p. 21-34, 2010.